



TEATRO: criação e construção de conhecimento

## O DRAMA SATÍRICO

O gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego

### SATYR DRAMA

The least known but the most fun genre of the Greek theater

92

Vanessa Ribeiro Brandão<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais

[vanessarbrandao@gmail.com](mailto:vanessarbrandao@gmail.com)

#### Resumo

Com este texto temos o objetivo de familiarizar o leitor com o drama satírico, gênero pouco conhecido do antigo teatro grego devido à escassez de fontes sobreviventes, mas famoso no século V a.C., quando era apresentado em concursos teatrais das Grandes Dionísias. Sua característica mais evidente, que o diferencia dos outros gêneros da época, é a presença de Sileno e seus filhos, os sátiros, que formam o coro da peça, e são representados como seres metade-homem metade-animal (geralmente bode com rabos de cavalo) com falos eretos animais. Essas criaturas são as responsáveis pela comicidade e também pelo caráter sagrado do gênero, pois, como participam do séquito de Dioniso, são representantes do deus dentro da peça. O texto mais completo do gênero é o *Ciclope* de Eurípidés, cujo enredo coincide com o canto IX da *Odisseia*, mas com Sileno e o coro de sátiros. Portanto usamos essa peça e os estudos de Richard Seaford (1984) para entendermos a estrutura do drama satírico, comparando-a à estrutura da tragédia, a partir da teoria aristotélica da *Poética*. A fim de adentrarmos nas possibilidades dramáticas, acolhemos a pesquisa de Anthony Stevens (2012), que enfatiza a dança dos sátiros. Depois, preocupamo-nos em explicar a origem do drama satírico, a sua função nas tetralogias e festivais, sua importância religiosa, além das características distintivas em relação aos outros gêneros. Finalmente, mostramos que, apesar do pouco conhecimento que se tem sobre o drama satírico, ele é um gênero relevante para as festas e rituais atenienses e até mesmo mais divertido que a comédia.

**Palavras-Chave:** Drama satírico; teatro grego; sátiros; *Ciclope*

#### Abstract

Our goal with this text is to familiarize the reader with the satyr drama, a lesser known genre of the ancient Greek theater, due to the lack of surviving sources, but famous in the fifth century, when it was presented at theater contests in the Great Dionysias. Its most outstanding feature that distinguishes it from other genres from its time is the presence of Silenus and his children, the satyrs, who form the chorus from the plays and are represented as creatures half-man half-animal (usually a goat with horse tail) with animal erect phallus. They are responsible for the humor and also for the sacredness of the genre because they are part of Dionysus cortege and present the god within the play. The most complete text of the genre is Euripides' *Cyclops*. The plot coincides with the ninth book of the *Odyssey*, but

<sup>1</sup> Formada em licenciatura em português, mestre e doutora em literaturas clássicas e poéticas da tradução pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Os focos de estudo são o drama ático, sobretudo o drama satírico, tradução do teatro grego para o português brasileiro e recepção clássica.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

with a satyr chorus and Silenus. So, we use this play and the studies of Richard Seaford (1984) to understand the structure of satyr drama comparing it to the structure of tragedy, from the Aristotelian theory of the *Poetics*. In order to delve into its dramaturgical possibilities, we highlight the research by Anthony Stevens (2012), which emphasizes the satyrs' dance. Then we concerned about explaining satyr drama's origin, its function in tetralogy and festivals, its religious importance, and its distinctive features in relation to other genres. Finally, we show that, despite little knowledge of satyr drama, it is a genre relevant to Athenian feasts and rituals and even more fun than comedy.

**Keywords:** satyr drama; greek theater; satyrs; *Cyclops*

### **POR QUE O DRAMA SATÍRICO NÃO É CONHECIDO COMO A TRAGÉDIA E A COMÉDIA?**

Nas aulas de literatura do período escolar, é comum a classificação dos gêneros literários a partir dos gêneros clássicos gregos mais conhecidos, ou seja, os gêneros literários são agrupados em gêneros épico, lírico e dramático, como aparece no site *Brasil Escola* (Castro, 2019), por exemplo. Dessa forma, o gênero épico abrange os textos narrativos, como contos, romances, fábulas etc. e seu exemplo primordial seria a épica homérica, a *Iliada* e a *Odisseia*; da mesma forma, o lírico abrange a poesia e seus diversos formatos. Então o dramático abrange os textos de encenação, no caso exemplificado pela tragédia e comédia. No site é explicitado que tal classificação é feita a partir do texto de Aristóteles *Arte Poética* (ou simplesmente *Poética*) (Vilarinho, 2019). Essa obra é referência no estudo dessas artes e abrange manifestações artísticas, principalmente a literatura e sobretudo a tragédia, mas nela não há nenhuma referência explícita ao drama satírico, por isso ele não é tão conhecido.

Um outro possível motivo para o desconhecimento do drama satírico é o fato de que apenas uma peça do gênero chegou quase inteira aos nossos dias, que é o *Ciclope*, escrita pelo tragediógrafo Eurípides. As outras peças que conhecemos são fragmentos que não se estendem nem a metade do que seria o texto inteiro. Isso pode ter ocorrido porque havia menos peças desse gênero em relação ao número de tragédias e comédias apresentadas

nos festivais a Dioniso. Por isso, a chance de sobrevivência desses textos através dos séculos era bem menor.

Logo, a falta de exemplares e o silêncio de Aristóteles contribuíram para que o drama satírico não seja um gênero dramático tão conhecido atualmente. E o que faz dele tão divertido? Antes dessa questão, é importante responder...

### **O QUE É O DRAMA SATÍRICO E QUAL A SUA RELAÇÃO COM A TRAGÉDIA**

O nome do gênero explicita a sua natureza: trata-se de um texto teatral cujo coro é formado por sátiros, que são seres mitológicos masculinos, com traços animais e humanos, nus, com um falo ereto. Eles participam do séquito de Dioniso, por isso são dados à bebida, ao sexo, à dança e à música. Stevens (2012) na descrição de sua experiência ao traduzir e encenar os fragmentos do drama satírico de Ésquilo *Nos jogos ístmicos*, explica que essa descrição dos sátiros como figuras mitológicas é insuficiente, porém, para a concepção do que seria o coro de sátiros dentro de uma apresentação teatral:

Mas o que é um sátiro? Existem duas formas de responder a essa pergunta. Uma é extrair as provas textuais e arqueológicas disponíveis; visto assim, os sátiros são criaturas mitológicas masculinas, pertencentes à natureza selvagem, parte humana, parte animal (mais cavalo do que cabra, pelo menos no período clássico), impulsivos, anárquicos, hedonistas e fortemente orientados para

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. O drama satírico: o gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 6, N. 2, 2018, p. 92-99.

Organização de Dossiê: Juliana Santana

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento

(CONAC)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)



grupos. Mas a criatura mitológica é muito evasiva. A outra maneira é explorar o processo teatral de transformar os executantes humanos em sátiros críveis do palco [...] (Stevens, 2012, p. 68, tradução nossa).

Entretanto, é possível deduzir o comportamento dos sátiros no palco a partir do que se lê nos fragmentos de drama satírico e no *Ciclope*. Sabemos, por exemplo, que o coro de sátiros entra em cena dançando a *siquínis* (“Que é isso? Não é a batida da *siquínis*?” Eur. *Ciclope*, vv. 36-40)<sup>2</sup> e que eles usam “uma roupa inútil de bode” (Eur. *Ciclope*, vv. 80). Outro recurso para entendermos o que seria o coro de sátiros é o *Vaso Pronomos*, de aproximadamente do ano 400 a.C., encontrado em uma tumba em Ruvo di Puglia, sul da Itália (Carpenter, 2005, p. 222-223).

Além do coro de sátiros, o drama satírico tem o enredo composto de um mito conhecido, como as tragédias:

A trama das tragédias e dos dramas satíricos deriva do mito. O figurino dos personagens, mas não o do coro, tem o mesmo estilo em ambos os gêneros. A dicção dos personagens no drama satírico é relativamente elevada, mais próxima à dicção da tragédia do que à da comédia. Além disso, como um todo, as convenções teatrais do drama satírico são mais similares àquelas da tragédia às da comédia (Stevens, 2012, p. 64, tradução nossa).

A narrativa do mito no drama satírico, no entanto, é adaptada para receber os sátiros e justificar a presença deles ali. Em algumas peças há também Sileno, um sátiro idoso que se autointitula pai dos outros sátiros, cuidador de Dioniso quando este era criança e seu fiel seguidor. Devido à presença dessas figuras mitológicas, o enredo do drama satírico apresenta uma trama divertida, com referências a Baco e elementos típicos de seu culto, como a bebida, o prazer e a dança. O

enredo do *Ciclope* exemplifica isso: trata-se de um episódio do capítulo IX da *Odisseia*, quando Odisseu e seus companheiros se perdem no caminho de volta para casa depois da guerra de Troia e chegam à ilha dos ciclopes, onde também estão os sátiros e Sileno. Nesse contexto, há preces a Dioniso, além de artimanhas e danças graças ao vinho que Odisseu traz e dá ao ciclope e a Sileno.

Apesar dessa diferença no tratamento do mito, a dicção, o estilo e, sobretudo, a estrutura do drama satírico e da tragédia são similares. Para entendermos melhor esta última, recorreremos primeiro ao capítulo XII da *Poética* de Aristóteles, que explicita a organização estrutural da tragédia:

algumas são os ‘cantos da cena’ e os *kommói*. Prólogo é uma parte completa da tragédia, que precede a entrada do coro; episódio é uma parte completa da tragédia entre dois corais; êxodo é uma parte completa, à qual não sucede canto do coro; entre os corais, o párodo é o primeiro, e o estásimo é um coral desprovido de anapestos e troqueus; *kommós* é um canto lamentoso, da orquestra e da cena a um tempo (ARISTÓTELES, *Poética* 1452b, vv. 15-24, tradução de Eudoro de Souza).

Para comparação, usaremos o *Ciclope*. O pesquisador e professor inglês Richard Seaford<sup>3</sup> explica que a sua estrutura é trágica, com prólogo, párodos, quatro episódios (um com um *agon*<sup>4</sup>, vv. 285-346), cada um seguido de uma canção coral, sendo esta acompanhadas com saída ou entrada dos atores, e um êxodo (SEAFORD, 1984, p. 16-7).

#### AS PARTES DO DRAMA SATÍRICO (DO *CICLOPE*, ESPECIFICAMENTE)

O prólogo, tanto na tragédia como no drama satírico, é a parte inicial da peça, geralmente ditada por um personagem que se apresenta narra os acontecimentos

<sup>2</sup> Todas as citações em português do *Ciclope* euripídiano são tradução nossa. O texto inteiro se encontra na tese de doutorado *Uma tradução dramática do ‘Ciclope’ de Eurípides*.

<sup>3</sup> Seu livro de 1984 com a edição e comentário verso a verso da peça é a referência mundial para estudiosos da peça e do gênero drama satírico.

<sup>4</sup> Uma disputa dialógica entre dois personagens, elemento essencial em uma tragédia.



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

anteriores, apresentando o mito a ser abordado, para que as ações seguintes sejam coerentes e tenham um contexto. O prólogo do *Ciclope* (vv. 1-40) é proferido por Sileno, que inicia sua fala se dirigindo a Dioniso, pedindo que o deus resgate ele e seus filhos da situação desagradável em que se encontram. Ele conta que, ao procurarem Dioniso, que fugiu enlouquecido por Hera, se perderam no mar e navegaram até a ilha dos ciclopes, monstros gigantes de um olho só, sendo, então, aprisionados e tratados como escravos por um deles, o chamado Polifemo. Por isso, em vez de estarem na presença de Baco, com dança, música e vinho, Sileno limpa a casa enquanto os filhos pastoreiam as ovelhas.

Em seguida, entra o coro de sátiros com as ovelhas dançando e cantando. Vale lembrar que o coro do teatro grego dança e canta, sobretudo um coro formado de seguidores de Dioniso. A canção, como explicado por Aristóteles, é dividida em párodo e estásimo. No *Ciclope*, na primeira parte do coro, ou seja, no párodo, os sátiros se dividem em grupos e cantam para as ovelhas; no estásimo, cantam todos juntos um lamento pela distância do deus:

### Coro

†O amado – ô amado Baco,  
por onde anda só  
e sacode a juba loira?†  
E eu, o seu seguidor,  
sirvo o ciclope  
perambulo, eu, escravo do caolho,  
aqui, com uma roupa inútil de bode  
longe do teu amor.  
(EUR. *Ciclope*, vv. 73-81)

Sileno pede que se calem porque vê Odisseu e seus companheiros chegando à ilha. Começa, então, o primeiro episódio, em que Sileno tenta vender a comida do ciclope Polifemo em troca de vinho. Polifemo chega e ameaça comer os marinheiros, mas Odisseu tenta convencê-lo, com seu discurso, a não fazer isso, encenando o grande *ágon* da peça.

### Odisseu

E nós, ô filho bem-nascido do deus do mar,

a você suplicamos e também falamos com  
[liberdade!  
Não se atreva a matar os amigos que entraram  
[nas suas grutas  
e pôr uma comida ímpia nas mandíbulas!  
Os que salvaram teu pai, ô senhor,  
pra ter os assentos do templo no interior da  
[terra da Grécia sagrada!  
(Eur. *Ciclope*, vv. 286-291).

Mas se você discorda das palavras, há a lei dos  
[mortais  
de receber os suplicantes do mar, que estão  
[destruídos,  
e dar hospitalidade e prover roupas  
e não terem os membros atravessados em  
[espetos  
que furam um boi, pra satisfazer a sua barriga  
[e a boca.  
(Eur. *Ciclope*, vv. 299-303).

### Sileno

Quero te dar um conselho: das carnes deste aí  
não deixa nada! Porque, se você morde essa  
[língua,  
vai se tornar esperto e o mais tagarela, ciclope.  
(Eur. *Ciclope*, vv. 313-315).

### Ciclope

A riqueza, ser humaninho, é deus pros sábios,  
e o resto são ruídos e as boas formas das  
[palavras.  
E o pai se estabeleceu nas pontas marítimas e  
[a elas  
mando um oi! O que você defende com este  
[discurso?  
(Eur. *Ciclope*, vv. 316-319).

E os que estabeleceram as leis,  
colorindo a vida dos homens,  
ordeno que chorem! E eu não vou deixar de  
[fazer bem  
pra minha alma, vou mesmo devorar você.  
E recebe tal hospitalidade, assim estou  
[desculpado.  
(EUR. *Ciclope*, vv. 338-342).

É interessante apontar que, diferente do *ágon* das tragédias, o do *Ciclope* tem a presença de Sileno, que dá um tom divertido ao momento mais tenso da peça. Entretanto, o ciclope não se convence e arrasta-os para a sua caverna, tirando-os de cena, sendo, então o fim do primeiro episódio. Fica apenas o coro, que canta mais uma canção.

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. O drama satírico: o gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 6, N. 2, 2018, p. 92-99.

Organização de Dossiê: Juliana Santana

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento

(CONAC)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

Depois do canto coral, entra de novo Odisseu narrando como o ciclope devorou seus companheiros e de como o distraiu oferecendo-lhe vinho. Então conta para os sátiros o seu plano de cegar Polifemo e fugir dali. O coro se empolga e canta uma música, finalizando o segundo episódio. O ciclope entra em cena cantando, bêbado de vinho, e o coro responde com mais música. Começa o terceiro episódio, com Odisseu dando mais vinho ao monstro. Sileno participa do diálogo e também bebe. Ao final, Polifemo sai de cena alucinando e arrastando Sileno com ele. Canta mais uma vez o coro. O último episódio é Odisseu tentando convencer os sátiros a ajudá-lo a colocar o plano em ação. Depois disso, o êxodo, que é a saída do coro e dos personagens, com um final feliz:

### Coro

E somos nós os companheiros de navio deste  
[Odisseu  
e de resto vamos ser escravos pra Baco.  
(EUR. *Ciclope*, v. 708-709).

## TRÊS TRAGÉDIAS E UM DRAMA SATÍRICO

Além da semelhança na estrutura dramática e outros pontos já abordados da tragédia e do drama satírico, há ainda a equivalência de autores: dramas satíricos foram escritos por tragediógrafos, tais como Ésquilo, Sófocles e Eurípides. O *Ciclope*, por exemplo, é uma obra de Eurípides do ano 408 ou 424 a.C. (a datação é um impasse no caso dessa obra).

Nos festivais em honra a Dioniso do século V a.C. chamados Dionísias Urbanas ou Grandes Dionísias, que aconteciam em Atenas no início da primavera, os tragediógrafos apresentavam tetralogias, um grupo de três tragédias (trilogia trágica) e um drama satírico. Alguns teóricos acreditam que este foi acrescentado à trilogia a fim de “amenizar” a experiência trágica do público, como explica o professor alemão Seidensticker:

A crítica moderna (...) também tem enfatizado que a libertação e o relaxamento emocional resultam do desfecho alegre e tem considerado o alívio cômico como a função mais importante do drama satírico dentro da tetralogia (Seidensticker, 2005, p. 48, tradução nossa).

Dessa forma, as diferenças entre drama satírico e tragédia seriam essenciais para a formação de uma apresentação emocionalmente equilibrada para o público ateniense. Além do final feliz, como já explicitado, há outros aspectos do gênero que contribuem para a abstração dos efeitos trágicos.

Os tramas míticos do primeiro [drama satírico] tendem a ser mais ‘leves’ e a ter um final feliz, alguns desvios da dicção de fato trágica são neles permitidos e certos efeitos teatrais que seriam inapropriados na tragédia parecem ser possíveis. Mas mais importante como característica distinta do drama satírico do que tais afrouxamentos das ‘regras’ da tragédia é o modo como o coro interage com os personagens e se relaciona com o enredo ou a ação do drama (Stevens, 2012, p. 64, tradução nossa).

A observação de Stevens é interessante, uma vez que ela parte da sua prática de encenação do drama satírico. Ele destaca o contato dos sátiros com os outros personagens e em seguida com o mito e a ação, um aspecto central que distingue o gênero. Os sátiros são, ao mesmo tempo, o centro do drama satírico e o elemento estranho do mito representado. No mito do *Ciclope*, por exemplo, Odisseu é o protagonista e herói. Entretanto, no enredo da peça, são a insatisfação de Sileno e dos sátiros, a saudade que sentem de Dioniso e de seu culto e a chegada do vinho – que é recebido e acolhido com o próprio deus – que fazem a trama. Assim, um mito, mesmo sendo tão horrendo – de um gigante de um olho só que come gente –, se transforma em uma peça divertida só pela presença dos sátiros e de Sileno. Aliás, não só o mito, mas também o monstro se transforma: ele canta e dança com o coro de sátiros e praticamente se torna um deles.

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. O drama satírico: o gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 6, N. 2, 2018, p. 92-99.

Organização de Dossiê: Juliana Santana

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento

(CONAC)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

É importante salientar que essa capacidade dos sátiros de transformar o mito e, no caso do *Ciclope*, até mesmo os personagens, é um aspecto dionisíaco desses seres. Dioniso é o deus da transformação. Na tragédia *Bacantes*, de Eurípidés, o drama mais usado para entender quem é Dioniso e seu culto, o deus segue a trama disfarçado de estrangeiro e por um momento se transforma em boi. Os homens da cidade se vestem de mulher e as mulheres bacantes se tornam quase irreconhecíveis e completamente diferentes do que costumam ser no seu cotidiano.

Segundo alguns pesquisadores, entre eles Richard Seaford, já citado anteriormente, esse caráter dionisíaco que o drama satírico assume é o motivo pelo qual ele é apresentado nos grandes festivais (Seaford, 1984, p. 26). Essa discussão nasce da então chamada controvérsia...

### NADA A VER COM DIONISO

Para entendermos melhor o que seria essa controvérsia, é importante pensarmos primeiro “o que tem a ver com Dioniso”. O deus é comumente associado ao nascimento do teatro, que foi instituído por Árion, um citarista de Metimna do século VII a.C. (Heródoto 1.23 citado por Scullion, 2005, p. 26). Ele criou o ditirambo, que são coros circulares cujos membros cantavam e dançavam vestidos de sátiros (Seaford, 1984, p. 13). Acredita-se que, durante uma apresentação de ditirambo, um dos que cantavam e dançavam no coro dá um passo à frente e recita a sua parte, transformando-se, então, em uma performance afixada de um texto (*Suda*, citada por Seaford, 1984, p. 12). Logo, o estilo dramático ateniense, da forma que concebemos hoje, seria a combinação da música e da dança corais com as falas dos atores. Assim surge a tragédia, o primeiro gênero dramático ateniense (Brandão, 1987, p. 30; Scullion, 2005, p. 26). Entretanto, os coros trágicos, depois de um tempo, perderam a sua essência:

Antes, quando competiam escrevendo sobre Dioniso, falavam dele e dos sátiros. Depois,

mudando a escrita da tragédia, alegraram-se com pequenos pedaços de mitos e histórias, sem mais se lembrarem de Dioniso (*Suda*, citada por Podlecki, 2005, p. 1-2, tradução a partir do inglês).

Zenóbio, um sofista grego e escritor de provérbios do ano 117, confirma o que consta na *Suda*, afirmando que, no fim do século VI a.C., os tragediógrafos passaram a escrever peças tais como *Ájax* e *Centauros*. Por isso, a plateia dizia “nada a ver com Dioniso”. Ele explica, ainda, que, por isso, os sátiros foram introduzidos, para que não parecessem ter se esquecido do deus. (Seidensticker, 2005, p. 48; Seaford, 1984, p. 11-12; Sutton, 1980, p. 6; Podlecki, 2005, p. 2; O’sullivan, 2017, p. 319). Essa reintrodução dos sátiros ao teatro, segundo acreditamos, foi o que deu origem ao drama satírico.

O primeiro a escrever dramas satíricos e apresentá-los em Atenas por volta de 500 a.C. foi Prátinas, que pode ter importado o gênero de Fliunte, uma cidade próxima a Corinto (*Suda Πρατίνας*; AP 7.707, citado por Scullion, 2005, p. 25-26; Seaford, 1984, p. 13-14; Sutton, 1980, p. 5; Seidensticker, 2005, p. 44). Depois de Prátinas, tornou-se obrigatória a apresentação do drama satírico após a trilogia de tragédias (Brandão, 1987, p. 32).

A partir da narrativa de origem do drama satírico, entendemos a importância desse gênero nos festivais e a importância dos sátiros para o deus e para o público: por causa deles, o drama satírico tem “tudo a ver com Dioniso”. No entanto, seriam eles capazes de tornar o drama satírico...

### MAIS DIVERTIDO QUE A COMÉDIA?

A comédia e o drama satírico são gêneros obscenos, hilários e com final feliz (Seaford, 1984, p. 5). A emoção e a atmosfera são semelhantes e têm o mesmo efeito (Seidensticker, 2005, p. 46). Os personagens e as dificuldades que eles vivem são risíveis, diferentemente da tragédia, cuja trama e reviravolta causa piedade e terror, segundo a *Poética* aristotélica. Também ao contrário da

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. O drama satírico: o gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 6, N. 2, 2018, p. 92-99.

Organização de Dossiê: Juliana Santana

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento

(CONAC)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

tragédia, cujos personagens são tão exemplares que seus erros e desventuras se tornam catárticos, a comédia e o drama satírico apresentam deuses, monstros, heróis e figuras míticas com comportamentos incomuns, como cita o teórico alemão Seidensticker:

Esciro como cafetão (*Esciro*, de Eurípides), Polifemo como cozinheiro (*Ciclope*, de Eurípides), Sileno como um arrogante ‘soldado glorioso’ (*Rastreadores*, de Sófocles, *Ciclope*, de Eurípides) e em particular, claramente, os sátiros e Sileno no seu papel estereotipado de engraçados e astutos, descarados e covardes, escravos inúteis ainda que amáveis, que ficam ao lado do herói e mais tarde são recompensados com a liberdade – todas essas figuras têm seus análogos na comédia [o “salsisheiro” em *Cavaleiros*, de Aristófanes, o general Lâmaco em *Acarñenses*]. Em ambos os gêneros, um final feliz é obrigatório; em ambos a justiça poética impera enquanto na tragédia

um princípio diferente, a incomensurabilidade da culpa e punição, domina (Seidensticker, 2005, p. 46-47, tradução nossa).

Contudo, o mesmo teórico explica que a natureza do ridículo e da risada, além dos métodos para se fazer rir de cada gênero são diferentes: enquanto a comédia aponta os problemas da cidade e ridiculariza as grandes autoridades, o drama satírico trata do humor relaxante, alegre e animado (Seidensticker, 2005, p. 47). Não é à toa que o espaço do drama satírico é mitológico e selvagem, distante da realidade e das questões do cotidiano do cidadão ateniense. Talvez seja difícil dizer que o drama satírico é mais engraçado que o humor crítico e tenso da comédia, mas se pode afirmar que ele é mais relaxante, logo, o mais dionisíaco e divertido, mesmo sendo o menos conhecido, do teatro grego.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES (2019). *Poética*. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. *Os Pensadores*, v. 2. São Paulo: Nova Cultural.
- BRANDÃO, Junito de Souza (1987). *O drama satírico*. In: EURÍPIDES; ARISTÓFANES. *Um drama satírico: O ciclope e duas comédias: As rãs; As vespas*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, p. 31-35.
- BRANDÃO, Vanessa Ribeiro; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (2017). *Uma tradução dramática do ‘Ciclope’ de Eurípides*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.
- CASTRO, Luana (2019). *Gêneros literários*; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/generos-literarios.htm>> Acesso em 13 jan. 2019.
- CARPENTER, Tomas (2005). *Images of satyr plays in South Italy*. In: HARRISON, George William Mallory (ed.) *Satyr drama – Tragedy at Play*. Swansea: The Classical Press of Wales, p. 219-36.
- O’SULLIVAN, Patrick (2017). *Cyclops*. In: MCCLURE, L. K. (ed.) *A Companion to Euripides*, John Wiley & Sons, Inc., p. 315-33.
- PODLECKI, Anthony (2005). *Aiskhylos satyrikos*. In: HARRISON, George William Mallory (ed.) *Satyr drama – Tragedy at Play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p. 1-19.
- SCULLION, John Scott (2005). *Tragedy and Religion: The Problem of Origins*. In: GREGORY, Justina (ed.) *A companion to Greek tragedy*. Oxford: Blackwell, 2005, p. 23-37.

---

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. O drama satírico: o gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 6, N. 2, 2018, p. 92-99.

Organização de Dossiê: Juliana Santana

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento

(CONAC)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)



- SEAFORD, Richard (1984) *Euripides 'Cyclops'*. Oxford: Blackwell.
- SEIDENSTICKER, Bernd (2005). *Dithyramb, Comedy, and Satyr-Play*. In: GREGORY, Justina (ed.) *A Companion to Greek Tragedy*. Oxford: Blackwell, 2005, p. 38-54.
- STEVENS, Antony (2012). First catch your satyrs – A Practical Approach to The SatyrPlay(-Like?), *Didaskalia*, v. 9, n. 13, p. 64-83.
- SUTTON, Dana Ferrin (1980). *The Greek Satyr Play*. Meisenheim am Glan: Hain.
- VILARINHO, Sabrina (2019). *Gênero Dramático; Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/genero-dramatico.htm>> Acesso em 13 jan. 2019.